

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

Consumption, contestation, and affective configurations in the social outbreak

PAULINA GÓMEZ-LORENZINI^a

Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile

LILIANA DE SIMONE^b

Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile

VANESA SAIZ-ECHEZARRETA^c

Universidad Castilla La Mancha. Cuenca, España

CLAUDIO RACCIATTI^d

Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile

^aProfessora associada da Facultad de Comunicaciones (FCOM) da Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile). Pesquisadora associada do Observatorio de Consumo, Cultura y Sociedad da FCOM UC-Chile. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6261-7722>.

E-mail: paulina.gomez@uc.cl

^bProfessora associada da Facultad de Comunicaciones (FCOM) da Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile). Diretora do Observatorio de Consumo, Cultura y Sociedad da FCOM UC-Chile. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0242-8716>. E-mail: rldesimo@uc.cl

^cProfessora titular da Facultad de Comunicación da Universidad de Castilla La Mancha. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1700-0296>. E-mail: vanesa.saiz@uclm.es

^dProfessor adjunto de Comunicación Estratégica da Facultad de Comunicaciones da Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC-Chile). Sócio 3Consultores. E-mail: cracciatti@yahoo.com

RESUMO

A agitação social chilena de 2019 representa um ponto de viragem na história recente do país, desencadeando uma crise sociopolítica cujas causas e expressões continuam a ser debatidas. Para alguns, foi uma reação a décadas de políticas neoliberais, enquanto outros a associam à frustração de expectativas não satisfeitas numa sociedade de consumo. Este artigo explora a estratégia do núcleo de protesto – a “linha da frente” – para se espalhar e permanecer ativo através da sua presença em espaços de consumo. Utilizando uma abordagem netnográfica, analisamos os sistemas de significado do protesto em espaços comerciais, centrando-nos nas dimensões afetivas relacionadas com o consumo no contexto das mobilizações. Investigamos o modo como as atmosferas afetivas ligadas aos rituais de protesto e consumo funcionaram como ferramentas sociopolíticas, aproximando diferentes espaços, colectividades e práticas, e tentando estabelecer um diálogo — nem sempre bem-sucedido — no contexto da rutura da ordem institucional. **Palavras-chave:** Rituais, consumo, explosão social, Chile, atmosferas afetivas

ABSTRACT

The 2019 Chilean social uprising marks a turning point in the recent history of the country, triggering a sociopolitical crisis whose causes and manifestations remain debated. For some,

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p303-327>

V.18 - Nº 3 set./dez. 2024 São Paulo - Brasil GÓMEZ-LORENZINI et al. p. 303-327



D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

it was a reaction to decades of neoliberal policies, while others associate it with the frustration of unmet expectations in a consumer society. This article explores the strategy of the core protest group—the “front line”—to expand and remain active by establishing a presence in consumer spaces. Using a netnographic approach, this article analyzes the meaning systems behind protesting in commercial spaces, focusing on the affective dimensions related to consumption within the mobilization context. We examine how the affective atmospheres linked to the rituals of protest and consumption functioned as sociopolitical tools by connecting diverse spaces, communities, and practices, and by attempting to establish a dialogue—albeit not always successful—in a context of institutional breakdown.

Keywords: Rituals, consumption, social outbreak, Chile, affective atmospheres

A EXPLOSÃO SOCIAL É um marco na história recente do Chile, uma crise sociopolítica sobre a qual até hoje não existe um consenso interno ou uma tese abrangente que ofereça respostas a toda a sua complexidade. As causas e manifestações desta explosão são ainda um terreno de disputas políticas e sociosemióticas, que se expressaram desde cedo no espaço público local, dando vida a uma série de interpretações que foram registadas num vasto e heterogêneo número de publicações associadas (Araujo, 2020; Fernández, 2020; Herrera, 2019; Mayol, 2019; Peña, 2020; Poduje, 2020; Rojas-May, 2020).

Embora há mais de duas décadas vários académicos e analistas locais escrevessem sobre a existência de uma certa agitação social em vários sectores da população, associada a problemas na educação, saúde e pensões, entre outros (Moulian, 1999; Tironi, 2002, para mencionar alguns), a explosão social que explodiu na capital chilena na noite de sexta-feira, 18 de outubro de 2018, não foi prevista. Menos ainda se previu a força e a dimensão que a crise atingiu nos dias seguintes, em todo o país.

Apesar das causas multifacetadas que impulsionaram as palavras de ordem dos participantes nos protestos, desde as lutas étnicas, políticas, ambientais, educativas até as lutas antiespecistas, o que é certo é que o acontecimento desencadeador foi o anúncio do aumento do preço dos transportes públicos em Santiago em 30 pesos chilenos (0,0014 USD). Os acontecimentos que abalaram os alicerces da sociedade chilena envolveram mais de dois meses de mobilizações invulgarmente violentas: estações de metrô, fábricas, igrejas, centros comerciais e culturais foram incendiados, enquanto supermercados, lojas de bairro e monumentos nacionais foram saqueados e vandalizados. As manifestações que caracterizaram particularmente os primeiros dias do 18-O partilharam espaço com expressões pacíficas que atingiram a chamada “Maior Marcha do Chile” (25-0)¹ o seu testemunho mais significativo (Fernández, 2020; Landaeta & Herrero, 2021; Poduje, 2020).

¹A maior marcha no Chile foi uma manifestação em Santiago do Chile em 25 de outubro de 2019. Mais de 1,2 milhões de pessoas participaram em Santiago. Acredita-se que tenham sido mais de 3 milhões em todo o país.

A explosão social chilena expressou-se na maioria das capitais regionais do país. De forma multicêntrica e dispersa, os protestos acumularam-se tanto no espaço público como nas contestações nas esferas públicas do debate digital (Brantner et al., 2021; Rodríguez-Amat et al., 2020). No entanto, o centro simbólico da explosão social e da cobertura mediática dos confrontos entre manifestantes e polícia foi a Praça Baquedano, também conhecida como Praça Itália. Embora não seja propriamente uma praça, mas antes uma rotunda de média dimensão para veículos, as suas imediações constituem um local central e histórico da capital chilena, utilizado tanto para a celebração de triunfos nacionais como para o início de marchas e manifestações locais, que depois se irradiam para oeste ao longo da Alameda, a tradicional via estruturante da capital.

A Plaza Baquedano é vivida como um espaço geográfico e simbólico de estruturação, distribuição e segregação do poder na cidade (Rodríguez-Amat et al., 2020), constituindo uma fronteira simbólica e urbana entre o sector oriental mais rico e o resto da sociedade (Hidalgo & Janoschka, 2014). Como centro nevrálgico da ação de protesto e resistência organizada contra as forças policiais no 18-O (Fernández, 2020; Orellana-Águila, 2022), a esplanada foi rebatizada pelos manifestantes e pelos meios de comunicação social como Plaza de la Dignidad, conceito e causa unificadora das diversas reivindicações que foram levantadas durante as mobilizações. Tornando-se o cenário factual do protesto, foram criadas neste local uma série de organizações que conseguiram “comunicar um sentido de protesto a todos os manifestantes” (Orellana-Águila, 2022, p. 11), como a estruturação da “linha da frente” e a sua complexa rede de participantes para a contenção e a luta armada (escudeiros, arremessadores, cortadores de pedra)², que, com o passar dos dias, foram implantando todo um conjunto de instrumentos, emblemas, estéticas e ritos, que deram um imaginário a esse avanço e resistência (Orellana-Águila, 2020).

Uma das hipóteses que se difundiu durante os protestos foi a interpretação da explosão social como uma manifestação da insatisfação, dos abusos e da dor vividos pela população como resultado do modelo neoliberal que tinha gerado desigualdade no país e muito pouca solidariedade entre as classes sociais (Fernández, 2020; Saiz-Echezarreta et al., 2023). O slogan “Não são 30 pesos, mas 30 anos”, aludindo ao aumento do preço das tarifas dos transportes públicos e à manutenção das políticas neoliberais ao longo das últimas três décadas desde o regresso à democracia em 1990, quando o modelo económico instalado durante a ditadura não foi estruturalmente modificado, foi uma ideia que se generalizou como síntese explicativa das mobilizações.

Em contraponto, outros autores, como Rojas-May (2020) e Peña (2020), defendem a tese de um mal-estar que não surgiu de uma insatisfação com o

² A “linha da frente” era entendida como o grupo de manifestantes, geralmente encapuzados, que enfrentava as forças da ordem e liderava os confrontos, além de utilizar símbolos, coreografias e performances para dar um sentido épico à luta (Orellana-Águila, 2020).

modelo económico ou com a sociedade de consumo que resultou do seu desenvolvimento. Mas sim de emoções fortes – como o ressentimento, a frustração, a inveja – que tinham sido despertadas em sectores da população como resultado das expectativas criadas por uma sociedade de abundância, que apresentava muitas restrições no acesso ao mercado globalizado através do crédito e do endividamento desregulado e, com ele, o consumo sem restrições dos múltiplos bens disponíveis (Gómez-Lorenzini et al., 2016).

Num cenário em que ambas as explicações não são contraditórias nem incompatíveis, interessou-nos, enquanto investigadores, explorar as formas como a explosão social chilena se relacionou com as práticas e rituais de consumo e, mais especificamente, com as emoções que foram utilizadas neste período, procurando observar em que medida estas emoções funcionaram como uma ferramenta através da qual se transferiram exigências e afetos políticos entre os espaços de consumo e a linha da frente dos protestos, que *a priori* não parecem estar ligados.

A explosão chilena é um exemplo de como a rutura da ordem institucional em sentido lato está diretamente relacionada com a deslocação de um determinado quadro socioafetivo que lhe é consubstancial. A este respeito, Frédéric Lordon (2018) sugere que nada pode fixar a dinâmica coletiva dos afetos e, conseqüentemente, garantir a durabilidade das ordens institucionais. Na sua opinião, as configurações afetivas (Macón, 2020) que permitem, apesar dos antagonismos e dos conflitos, manter a estabilidade e a ordem institucional e sociocultural num dado momento, também podem romper-se. Neste contexto, emoções como a indignação podem funcionar como um afeto político que, suficientemente partilhado em larga escala, pode servir de motor a uma reação contra as configurações afetivas comuns que sustentavam a antiga ordem. “O que um afeto comum sustenta, um outro afeto comum, contrário e mais poderoso, pode desfazê-lo” (Lordon, 2018, p. 121).

Este artigo relata parte dos resultados dos estudos que, enquanto grupo de investigação sobre as questões do consumo, da cultura e da sociedade, temos vindo a desenvolver em relação ao 18-O. Neste trabalho, nosso foco é o desdobramento das dimensões afetivas em relação ao consumo no contexto da explosão, estabelecendo como hipótese interpretativa um quadro que já vem sendo proposto no país (Fernández, 2020; Luna, 2021; Mayol, 2019; Peña, 2020), o fato de que um acúmulo de afetos tristes por um longo período – seja qual for sua origem ou hierarquia – fez com que um número suficiente de sujeitos ultrapassasse seu ponto tolerável. E neste processo, como em muitos outros, um pequeno acontecimento precipitou sem aviso uma explosão de enorme amplitude (Lordon, 2018, p. 122). Nas palavras de Juan Pablo Luna (2021, p. 82): “O aumento do preço do bilhete de metrô desencadeou a indignação, mas a sua queda por si só não pode apaziguar a raiva”.

QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

A primeira questão que nos convoca nesta análise é a de saber como as práticas e os rituais das mobilizações que caracterizaram a explosão (dos protestos pacíficos aos atos de vandalismo), se transferiram para os espaços de consumo e, em particular, para os centros comerciais do país nos dias que se seguiram à declaração da crise. Em concreto, debruçar-nos-emos sobre um conjunto de convocatórias que foram formuladas nas redes sociais para levar o protesto às periferias e aos bairros mais abastados da cidade. Tratava-se de manifestações que propunham concentrações massivas no exterior dos centros comerciais, bem como o desenvolvimento de ações de mobilização no seu interior, para apoiar a extensão do protesto e a luta contra a normalização das cidades.

A segunda questão que orienta este trabalho é a de saber em que medida estas iniciativas conseguiram hibridizar/questionar/validar os significados comuns ligados ao mundo do consumo e aos seus rituais (formas de agência, modos de ocupação do espaço, valores e emoções associados). Por outras palavras, se, para além de fazer ressoar o desabafo e as suas reivindicações nestes espaços, as ações permitiram (ou não) contestar os modos tradicionais de habitar os centros comerciais, abrindo outras trajetórias na relação entre os consumidores e as práticas de consumo e os lugares onde estas têm lugar.

Para realizar essa investigação, conduzimos uma análise semiótica do conteúdo publicado nas redes sociais entre 18 de outubro e 31 de dezembro de 2019, que inclui tanto as convocações para esses protestos por meio de cartazes, quanto vídeos e fotografias das ações realizadas em shopping centers de todo o país. Nosso objetivo é tomar esse material como representações de rituais de interação (Collins, 2009), uma estrutura conceitual que nos permite abordar a conexão e a hibridização entre rituais de protesto e rituais de consumo. Quanto à análise sociosemiótica, estamos interessados em focar sua execução na dimensão afetiva dos rituais, com base na hipótese de que as emoções, articuladas em atmosferas afetivas (Anderson, 2009; Macón, 2023), operaram aqui como uma linha de continuidade que ligava espaços e práticas.

RITUAIS DE INTERAÇÃO

Se observarmos a maneira como Morales Urra (2017) aborda os rituais, pode-se dizer que eles abrangem todo o espectro de práticas sociais, mesmo que também seja possível distinguir alguns de seus elementos centrais:

Os rituais se assemelham a uma linguagem que – parafraseando Saussure – está entre vários domínios: é ao mesmo tempo psíquica e social, física e fisiológica, diacrônica

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

e sincrônica... O social e o cultural, o simbólico e o cognitivo, a ação psicológica e social, o emotivo e o intelectual, o formal e o performativo, o sistêmico e o processual, o textual e o contextual, a ordem e a dinâmica social convergem. (p. 23)

Considerando que há muitas disciplinas e abordagens que trataram da definição de rituais sociais, seguimos Kertzer quando diz que talvez “não haja uma definição certa ou errada (mas sim) aquelas que são mais ou menos úteis para nos ajudar a entender o mundo em que vivemos”. Ou, como diz Leach, “o ritual não é um fato natural, mas um conceito, cuja definição, como qualquer outra, deve ser sempre funcional” (Kertzer e Leach, conforme citado em Morales Urrea, 2017, p. 24).

O horizonte de interesse que assumimos nesse campo deriva da microsociologia, que, nas mãos de Durkheim (2006 [1953]) e Goffman (1959), e, mais especificamente, Randall Collins (2009) nos apresentam uma “teoria das situações” (p. 18), atenta ao espaço onde ocorrem as interações e aos programas de ação que as compõem. A partir dessa abordagem, os rituais são considerados encontros programados entre pessoas que “aprenderam com os outros e com sua própria experiência a perceber, inferir, reproduzir, desenvolver e improvisar esses padrões” (p. 18). Para analisá-los, o foco está no caráter do ritual como uma situação na qual ocorrem ações de “pequena escala”, observando os “encontros temporários” face a face entre “corpos humanos” que intervêm neles “carregados de emoções e consciência devido ao efeito das cadeias de encontros previamente vivenciados” (p. 18).

Neste artigo, colocamos essas abordagens em diálogo com o paradigma teórico da mediatização (Hepp, 2020; Jansson, 2016), que argumenta que o desenvolvimento histórico das sociedades contemporâneas favoreceu a expansão e o aprofundamento das lógicas de mídia, produzindo uma articulação e interdependência entre as instituições, lógicas e práticas de mídia e o restante das instituições e práticas sociais. Isso significa que a noção de ritual, restrita a interações de copresença física, deve ser ampliada para incorporar rituais específicos de sociedades profundamente mediatizadas (Hepp, 2020), nas quais tanto as ações virtuais em copresença quanto a intervenção de lógicas e conteúdos midiáticos tornam-se consubstanciais – e, em muitas ocasiões – essenciais para o desenvolvimento tanto do ritual em si quanto das cadeias rituais de afeto que favorecem a configuração de comunidades ou coletividades em torno dele.

Como explica García (2015), a ênfase nos estudos microsociológicos está no processo, “na participação dos interagentes e nas configurações em que a interação ocorre”. Para Collins (2009, p. 71), os componentes essenciais desse processo são quatro: (i) *o encontro* entre duas ou mais pessoas que se reúnem no mesmo lugar e cuja presença corporal as afeta reciprocamente; (ii) *os sistemas de exclusão e*

distinção entre aqueles que fazem parte do grupo e aqueles que estão fora dele; (iii) a existência *de um foco comum de atenção*, sobre o qual os participantes estão coletivamente conscientes; e (iv) a presença de *uma consonância recíproca* dentro do grupo no nível *de microrritmos e emoções* corporais, ou seja, compartilhar o mesmo estado de espírito ou viver a mesma experiência emocional.

Conforme observado anteriormente, nesta pesquisa estamos interessados em destacar como os rituais de interação apresentam uma dimensão afetiva que é necessária para a composição e estabilização de coletividades e comunidades. Ou seja, de um nós – mais ou menos reconhecível e estabilizado – articulado em torno de valores, afetos e práticas compartilhadas não apenas durante o ritual, mas com a capacidade de se expandir/ressonar e ter efeitos além da situação (Mühlhoff, 2015), produzindo hábitos interpretativos, aprendizado social que será a semente de novas práticas, configurações afetivas e, em última instância, a base de novas ordens institucionais.

Observar o objeto comum em um ritual, ou seja, aquilo em que os participantes prestam atenção e se preocupam, bem como detectar qual é a energia emocional e como ela circula durante e depois, são dois elementos básicos para a análise dos componentes rituais que se reforçam mutuamente. Isso ocorre porque o aumento do foco na atividade compartilhada leva a uma maior consciência do que os outros estão fazendo e sentindo, uma percepção que, ao se tornar comum, permite que a intensidade emocional aumente e promova o vínculo entre os participantes. Da mesma forma, essas duas dinâmicas esclarecem e reforçam os sistemas de inclusão/exclusão que definem um interior (nós) e um exterior (outros) da situação e suas reverberações.

A força performativa dos rituais, ou seja, seu potencial para modificar as próprias convenções, códigos e expressões associadas à sua prática e os espaços nos quais eles intervêm e contribuem para a geração de mudanças culturais e sociais, é um dos elementos que distingue a ação ritual. Embora nem toda prática ritual seja bem-sucedida (e, portanto, é analiticamente interessante considerar as condições de sucesso e as de fracasso), quatro efeitos caracterizam sua eficácia e efetividade: (i) a geração *de solidariedade grupal entre os participantes*, que deriva em um sentimento de pertencimento ao grupo; (ii) *uma energia emocional* individual de confiança, entusiasmo, força, que incentiva e fornece iniciativa para a ação; (iii) a criação e *recriação de símbolos* de relacionamento social, que representam o grupo e o indivíduo; e (iv) um *sentimento de moralidade* que deriva da percepção de fazer a coisa certa, de honrar o que é socialmente valorizado (Collins, 2009, p. 73; García, 2015). 73; Garcia, 2015).

Collins (2009, pp. 57-61), seguindo Durkheim, explica que o sucesso de um ritual deriva do desencadeamento de uma ação coletiva e de uma

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

consciência compartilhada, a partir da qual surge uma consonância afetiva que se manifesta por meio de sinais particulares ligados à rede afetiva mobilizada, bem como por meio de símbolos comuns (gritos, gestos, objetos) que são representativos e permitem que o coletivo tome consciência de sua identidade e solidariedade grupal e de sua unidade moral. Essas são as condições para que a participação gere energia emocional nos indivíduos, o que os leva a participar da ação e a garantir que ela tenha uma projeção futura, estabelecendo um território comum e criando novos hábitos cognitivos, axiológicos e também, se bem-sucedidos, sociopolíticos.

Essa é a estrutura na qual analisamos as experiências das mobilizações com relação aos espaços de consumo, que falam tanto de propostas bem-sucedidas quanto de iniciativas fracassadas. Os cartazes/posts que circulam nas redes sociais têm um foco comum: ampliar a “nova normalidade”³ para áreas onde as pessoas vivem em uma estabilidade que é considerada uma “bolha”, uma exceção fora da “realidade”. Ocupar o shopping center e dar espaço para protestar nele é atender mais uma vez às dores, à desigualdade, é reconectar-se emocionalmente com os outros, experimentando uma co-solidariedade que se torna transversal: “O mais triste dessa mobilização é que não conseguimos fazer com que as dores sejam compartilhadas” (Fernández, 2020, p. 97). “O preocupante é que, quando começamos a experimentar coisas diferentes, o que precisamos é de pontes, de lideranças capazes de comunicar essas experiências. E vamos concordar que hoje é difícil encontrá-las” (p. 99).

Durante a explosão, a convocação de encontros entre sujeitos para gerar essas experiências de copresença apela para ir além das formas tradicionais de apropriação da cidade, para ir em direção a “outros” territórios, em rotas que demarcam um nós/eles de inclusão/exclusão com base em identidades de classe ou adesão ou não aos valores colocados em jogo durante a explosão. Os shopping centers são um lugar e um alvo para essa reconexão.

ATMOSFERAS AFETIVAS: FENÔMENOS SOCIOAFETIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE PONTES

Os rituais de interação têm a propriedade de mobilizar energia emocional. Como podemos abordar a análise desse componente do ritual? Propomos aqui usar a noção de atmosferas afetivas (Anderson, 2009; Macón, 2023). Cecilia Macón (2020, 2023) argumenta que esse é um conceito particularmente útil para destacar atmosferas emocionais em tensão e em processo, como o das mobilizações políticas, e para evitar o risco de considerar as emoções como fenômenos isolados ou estáticos.

³ Foi expresso em grafites e slogans que o país não queria voltar ao normal, mas sim um novo normal. Como expressou a cantora chilena Anita Tijoux (2020), uma voz relevante da explosão: “O novo normal é uma explosão permanente”. Sua canção, *Cacerolazo* (Panelaço), tornou-se um hino da revolta chilena.

Na conceituação de Anderson (2009), uma atmosfera afetiva refere-se a um fenômeno experiencial, a uma ocupação expansiva, de algo sem superfície, material e imaterial ao mesmo tempo, que é produzido por meio de corpos, em coletividade. Ou seja, refere-se ao modo como “uma multiplicidade faz parte de um vínculo”, por exemplo, no espaço de um ritual como a mobilização. Se algo define uma atmosfera afetiva, é sua ambiguidade: entre presença e ausência, entre seu caráter objetivado-autônomo e subjetivo, entre o definido e o indefinido. Essa indeterminação é a base da abertura constitutiva de qualquer atmosfera afetiva, seu constante surgimento e transformação, permitindo que ela se torne uma experiência coletiva. Esse caráter processual – e contagioso – facilita a conexão e a hibridização com outras atmosferas e outros sujeitos, espaços e temporalidades envolvidos em cada atmosfera que participa do processo/diálogo/ritual. É um fenômeno socioafetivo “quase autônomo”, “um tipo de ‘excesso’ afetivo indeterminado por meio do qual podem ser criados espaços-tempos intensivos” (Anderson, 2009, p. 80).

A partir dessa conceituação, definimos nossa hipótese de trabalho considerando que o ritual de mobilização, criado sobretudo na “linha de frente” durante a explosão chilena, gerou uma atmosfera afetiva caracterizada pela excepcionalidade, urgência, agressividade, luta, solidariedade, e que isso foi transmitido por uma série de experiências sensoriais que apelaram tanto para o contato com outros corpos quanto para a intensidade sensorial, por exemplo, do cheiro (ambientes com fogo, suor, gases etc.) e do som (gritos, cantos, arengas etc.), e do som (gritos, cantos, arengas etc.). Essa atmosfera foi essencial para manter as mobilizações e estendê-las a outros temas e localidades geográficas⁴.

Neste processo de expansão, que hoje pode ser analisado retrospectivamente graças aos milhares de evidências digitais geradas pelos usuários das redes sociais durante os protestos, formulamos a hipótese de que uma parte dos atores mobilizados tentou transferir esta atmosfera particular para os shopping centers para alterar o ritual de consumo, influenciando as muito diferentes atmosferas afetivas que tendem a predominar nestes espaços comerciais e nas práticas que os definem. O objetivo de compartilhar e ampliar a energia emocional gerada no ritual de protesto, ampliando sua atmosfera afetiva, foi – entre outros – curto-circuitar a temporalidade do presente atemporal do consumo (“normalidade”), para que entrasse em diálogo com outros espaços (a linha de frente) e temporalidades: com o passado, através da memória das mágoas e injustiças vividas; com o presente simultâneo parado, ritualizado e cíclico da explosão (“excepcionalidade”); e com o futuro que se projeta a partir do desejo de uma nova ordem institucional.

Nesse sentido, as atmosferas afetivas aparecem como instrumentos políticos relevantes neste contexto de crise porque conectam a dimensão material,

⁴ A extensão dos referidos climas afetivos não isentou os pesquisadores deste artigo, que, como tantos outros, viram a necessidade socioafetiva de compreender teórica e empiricamente o vivido. Esta posicionalidade do investigador que encarna a experiência e se torna, por sua vez, sujeito do seu estudo, caracteriza as etnografias de conflito e implica várias questões multiescalares e éticas a considerar (Xiang & Wu, 2023). A expansão do fenômeno socioafetivo carregado de indignação, raiva e frustração marcou uma primeira interpretação dos fenômenos desenvolvidos a curta distância, e que com maior distância, tanto espacial quanto temporal, tornam-se mais claros em suas definições, efeitos e trajetórias.

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

a dimensão sensorial e as experiências temporais e espaciais compartilhadas numa situação particular. A atmosfera afetiva veicula e circula conceitos políticos construindo sentidos e fazendo emergir o que está ausente, de modo que essa presença seja vivenciada não apenas a partir de abordagens cognitivas e axiológicas, mas, e principalmente, a partir da experiência afetiva e corporal (Macón, 2023).

Os discursos e práticas da erupção social (a primeira linha como enunciado de vocação expansiva em seu apelo à transformação social e à resistência a qualquer recuperação da normalidade) prefiguram para os centros comerciais um universo de sentido a partir do qual delimitam não só os destinatários, espaços e práticas, mas também o caráter das atmosferas afetivas com as quais devem entrar em contato e negociar. Isto implica que o centro comercial – enquanto paradigma dos rituais de consumo – deixa de ser concebido como um espaço restritivo restrito às compras e aos rituais típicos deste universo. Estes discursos partilham o pressuposto sociocultural de que o consumo e os seus lugares na cidade têm sido cada vez mais entendidos como uma encenação da vida urbana (Goffmann, 1959), resultado das múltiplas ações e representações que se realizam nestes espaços e que não o fazem. Dependem necessariamente do ato de comprar, mas falam de construções ideológicas e políticas, do papel do consumo na vida cotidiana e na configuração do modelo econômico e seus limites, entre outros aspectos (Pérez, 2024).

Da instalação de feiras nas encruzilhadas à complexidade contemporânea da cultura digital de consumo, praças, mercados, galerias, lojas de departamentos e shopping centers solidificaram a essência do intercâmbio entre os indivíduos e na esfera pública (Habermas, 1991). Para além desta caracterização genérica, numerosos autores propõem que, no caso chileno, os centros comerciais sofreram mudanças simbólica e física até se tornarem espaços com muito mais usos públicos do que os do comércio de massa, diferenciando-se de forma concreta do que se tem observado noutros países. latitudes (De Simone, 2015; Salcedo & De Simone, 2013). A apropriação e domesticação dos seus interiores comerciais para outros usos não associados às compras sugerem a flexibilidade simbólica dos espaços para a população local e seus gestores. Segundo García Canclini (1995), esta domesticação dos locais de consumo poderia ser a porta de entrada para a compreensão dos centros comerciais como locais de identidade flexível entre o global do protótipo comercial e o local da identidade social chilena, peneirada através do consumo. Por isso, o fato de esses espaços serem utilizados para protestos não surpreende na medida em que essas ações estão em sintonia com a normalização do consumo e com uma visão que o posiciona como mais um no repertório de atividades públicas do cidadão-consumidor.

Seguindo a linha de investigação de Miller et al. (2005), McCracken (1990) e Douglas & Isherwood (2021), para citar os mais relevantes, aproximamos Pérez (2024) do consumo e suas práticas como atividades culturais e rituais, ou seja, como “espaços de transferência de significados e mobilização de emoções” que se dão através de “comportamentos estabelecidos e reconhecidos pela sociedade”, e que fornecem um contexto para as pessoas afirmarem, atribuírem, evocarem ou mesmo reverem significados. Compreendemos assim que num “mundo culturalmente construído, os significados que atribuímos aos bens, bem como as emoções e os valores sociais com que os transportamos” (p. 38), desdobram-se em processos e espaços que ultrapassam em muito aqueles da sociedade.

No quadro da gestão contemporânea da experiência que orienta as atividades de marketing, cada um dos pontos de contacto das marcas com os seus utilizadores tem um trabalho rigoroso e planeado de expressão nos centros comerciais¹. Estes espaços, em muitos casos, posicionam-se como marcas reconhecíveis e como tal somam-se à tendência estratégica de planejar e propor aos consumidores um universo de significados, sensações e afetos particulares que os definem. Parte desse imaginário inclui a promoção de práticas que remetem à realização de desejos (Sassatelli, 2012) e de situações geradoras de emoções agradáveis e prazeres de consumo baseados na estimulação sensorial hedônica² (Lipovetsky, 2007), que são o germe das atmosferas afetivas hegemônicas. características dos shopping centers. Como mencionamos, especificamente no caso chileno é comum que estes espaços se abram para atividades além do consumo, o que permite a confluência de outros ambientes afetivos, geralmente definidos por quadros afetivos de valência positiva.

Em princípio, dir-se-ia que nada está mais longe da atmosfera afetiva de exaltação das paixões hedonistas (Sassatelli, 2012) que promove o consumo, do que a energia emocional transportada pelos rituais de protesto da linha de frente durante a explosão, os que foram dominados pela indignação, frustração e agressividade, embora também houvesse aberturas para a esperança e a solidariedade. No entanto, contaminar, se não quebrar, a distância que separava estes espaços, no que diz respeito à atmosfera emocional que se vivia na “Plaza de la Dignidad” e nos seus arredores, foi um dos principais objectivos propostos pelos repetidos apelos à concentração nas periferias e dentro dos shopping centers das áreas mais ricas da capital e de outras cidades chilenas.

Esta forma de procurar fazer com que o protesto se torne parte de um senso comum partilhado (Leone, 2012), cuidar do seu contágio e expansão para outros setores e espaços, expor dores, contradições e símbolos como forma de mantê-lo ativo a partir de novas solidariedades e energias emocionais que se harmonizam, é o que analisaremos a seguir. Faremos isso observando como os discursos se articulam

com atmosferas emocionais tensas. Para isso, tomamos como ideia norteadora a noção de que intervir nos problemas públicos e nas polêmicas coletivas, como as que acompanham a busca por uma nova ordem institucional e novas formas de convivência, implica inexoravelmente questionar e transformar uma configuração afetiva hegemônica (Macón, 2020; Peñamarín, 2020; Saiz-Echezarreta, 2024).

O que este caso nos permite é observar como a contaminação dos rituais, através da energia emocional semioticamente condensada em atmosferas afetivas reconhecíveis, pode ser um instrumento para intervir politicamente num espaço e modificar as práticas que nele ocorrem.

LEITURA SEMIÓTICA DE RITUAIS DE INTERAÇÃO

Este estudo exploratório desenvolve uma abordagem qualitativa indutiva, baseada em métodos netnográficos digitais para imersão, identificação, seleção e análise de postagens públicas emitidas por usuários de redes sociais (Kozinets, 2019; Kozinets & Gretzel, 2024), a partir de matrizes semióticas e discursivas referentes aos protestos sociais chilenos.

Para a seleção das peças, do Chile foi realizada a busca avançada da plataforma X (ex-Twitter) com as palavras-chave “protesto” e “shopping” e a *hashtag* #manifestacionesmall, para recuperar os posts publicados no período da semana imediatamente anterior à explosão social até 10 semanas depois, ou seja, de 18 de outubro a 31 de dezembro de 2019. Para obter maior diversidade na amostra, o corpus foi formado utilizando os resultados da pesquisa como pontos de acesso para um rastreamento segundo o modelo bola de neve aplicado às postagens, com o objetivo de abranger as publicações de protestos localizados em diversos shopping centers do Chile e não apenas naqueles localizados no setor leste de Santiago, apesar de sua maior presença quantitativa na pesquisa. Após a revisão do material, foi composto um corpus de análise de 23 peças, algumas delas com imagens estáticas e outras com vídeos.

Dado que a perspectiva semiótica com que trabalhamos nos aproxima dos textos na sua dimensão de factos sociais e culturais, situados num contexto com o qual estão em permanente diálogo (Peñamarín, 2020), aproximamo-nos do nosso corpus procurando fazer uma seleção de discursos que nos permitiram dar conta dos tipos de experiências promovidas, materializadas e difundidas durante a eclosão social. Para isso, a seleção das peças foi realizada a partir de três critérios: presença de eventos ocorridos em diferentes áreas de Santiago e em regiões; a inclusão de postagens que aludissem tanto à convocação quanto ao próprio protesto; e a inserção de unidades que mostrassem os diferentes tipos de manifestações observadas, com resultados diferentes ao mesmo tempo.

A abordagem dos textos foi realizada buscando uma leitura interpretativa a partir de práticas analíticas diversas (Abril, 2007), que possibilitasse dar conta da circulação de sentido tanto na perspectiva da transmissão de ideias quanto da ativação de enciclopédias e imaginários, bem como da dimensão afetiva (Peñamarín, 2020). Analisamos os textos-discursos como produto de uma interação social, em que se configuram e retratam atores, pontos de vista e relações interlocutórias específicos, organizados em um contexto específico. Para tanto, são produtivos os conceitos de atmosferas afetivas, ritual e posicionamento enunciativo (Paolucci, 2020). Especificamente, ao considerar que o conceito de atmosfera afetiva dialoga com as cadeias rituais de afeto de Collins (2009) e com suas propostas a respeito das energias emocionais e suas condições de desenvolvimento e feedback, e opera como ferramenta teórico-analítica para acesso a essas particularidades modos de circulação do significado.

EIXOS DO SENTIDO

Chamadas: chaves espaço-temporais e configuração de nós/eles

Como aponta a semiótica, toda enunciação se faz num horizonte de sentidos e expectativas; neste caso, os discursos que perpassam a explosão social referem-se a uma posição que se presume ser partilhada pela sociedade chilena, mas que tem diversas declinações. Os cartazes do *corpus* da convocatória correspondem a um discurso que assume que todos os cidadãos sabem o que se passa e as razões que têm sido apontadas para esta ruptura institucional. Na verdade, os banners que são desenhados e que incentivam as manifestações carregam um conjunto de implícitos, a começar pela referência à própria explosão, que não é explicitada.

Como mencionamos no início deste trabalho, o desdobramento da explosão considerou duas modalidades principais de mobilização: por um lado, as ações violentas dos dias iniciais, que incluíram saques, vandalização e incêndios de edifícios comerciais, culturais e institucionais. Esta trajetória foi simbolizada sob o conceito de “Primeira Linha” que se posicionou na “Plaza de la Dignidad” para, a partir daí, ritualizar e estabilizar o conflito e empreender ações semanais de provocação e contenção por parte das forças policiais, em diálogo com o desenvolvimento de protestos nas ruas e acusações de violações dos direitos humanos.

A outra posição, a retratada na chamada “Maior Marcha do Chile” que, sob um acúmulo de reivindicações diversas, reuniu pacificamente uma proporção sem precedentes da população. Esta opção representa uma vontade de redirecionar a energia emocional para novos acordos, que canalizariam e institucionalizariam soluções para as divergências manifestadas.

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

Entre estes dois polos, as postagens do corpus agrupadas com a hashtag #manifestacionesmall enquadram-se numa linha discursiva que interpreta a explosão desde a “Primeira Linha” e através de um quadro emocional de valência negativa expresso, além disso, com elevado grau de intensidade. afetivo. Nesta perspectiva, não se trata de transmitir ideias fortes ou de apresentar argumentos sobre a legitimidade da crise, mas sim de garantir que a atmosfera emocional do protesto continue a ser válida para o maior número de pessoas e no maior número de espaços. possível, especialmente na zona leste de Santiago, onde vivem as classes abastadas (“Marcha massiva autoconvocada”; “Vamos lotar o Costanera Center”; “Todos ao Parque Arauco” – Figura 1). E procura ao mesmo tempo manter uma temporalidade idiossincrática: a excepcionalidade: (“Não+Normalidade”, “Vamos acordar esta bolha” (a dos shoppings)).

O eixo geográfico atua como uma das principais isotopias que conectam os espaços públicos paradigmáticos da cidade, estabelecendo a Plaza Italia/Plaza de la Dignidad como núcleo urbano, espaço icônico das mobilizações na capital. A partir deste centro do protesto organiza-se um percurso que avança no sentido oposto aos locais para onde tradicionalmente se dirigem todas as manifestações. Em vez de converter os principais órgãos do poder do Estado, localizados no centro da cidade, como a Casa do Governo, a sede do Congresso em Santiago ou os Tribunais de Justiça, nos seus espaços de referência, o protesto é mobilizado – e é graficamente visível nos textos – em direção “para cima”, o espaço das elites e das classes abastadas.

Figura 1

Post do protesto



Nota. Instagram @manifestacionesmall.

Os pontos de chegada propostos nos cartazes são os centros comerciais (Costanera Center, Portal La Dehesa, Parque Arauco, Mall Los Domínicos,

Casacostanera), no caso da capital, que se tornaram um símbolo de desenvolvimento e sucesso econômico e que o país alcançou durante os trinta anos em questão. Observamos a linha de continuidade que mostra os vetores de movimento entre esses espaços urbanos geográfica e simbolicamente distantes como uma proposta não apenas de deslocamento entre determinados territórios, mas sobretudo de circulação de energia emocional entre diferentes pontos.

Por que ir aos shopping centers? Em primeiro lugar, a proposta de manifestação nos shoppings assume como parte de sua enciclopédia que, como apontamos acima, o shopping é o local sintomático dos rituais de consumo, que não se restringem apenas ao ato de compra. É um espaço público que adensa a experiência do consumo como um ritual complexo ao promover a circulação de sentidos e a geração de identidades e valores, entre outros. Assim, não são os supermercados ou as lojas de bairro que são escolhidos como espaços de protesto, mas sim os centros comerciais.

Consumir como entretenimento representa uma atividade convencionalmente ligada às classes médias altas, o que reforça o esquema antagônico de nós/eles que é proposto em termos socioeconômicos e de status. E, por outro lado, o centro comercial é adotado por ser um espaço público de elevado valor simbólico, associado ao poder econômico, que é representado através da menção a bairros icônicos da cidade e dos nomes utilizados para quem vive em determinados setores. A partir deste lugar, os chamados constroem uma fronteira clássica que demarca o território compartilhado a partir do eixo nós/eles.

Neste ponto, o discurso sobre a explosão já não desafia a sociedade chilena como um todo, mas articula-se, por um lado, em termos de classe, procurando representar aqueles que não só não se identificam com as classes ricas, mas a quem elas resistem. ele. É então “o Povo”, “a voz do Povo”, os “quebrados”⁵ que aparecem chamando para enfrentar os “ricos”, os “abastados”⁶, em suma, as elites. Trata-se então de “subir” desde a Plaza de la Dignidad, num percurso que avança passo a passo na cidade, em direção ao Costanera Center, ao shopping Los Domínicos, ao Parque Arauco, para conhecer aquele “outro Chile”, até chegar ao “Portal da Indignidade” (Shopping La Dehesa), onde os “policiais” e “zorrones” merecem ser reeducados⁷.

Nesta representação feita do protesto, a posição de enunciação utiliza uma linguagem, um gráfico, um estilo de interação que remete a disputas políticas, socioeconômicas e culturais polarizadas, que ganharam nova relevância no contexto da explosão (Mayol, 2019; Peña, 2020; Rojas-maio de 2020). Apela aos conflitos e emoções que vivem na memória dos cidadãos chilenos e que levam

⁵ Expressão chilena que se refere a uma pessoa de classe social baixa ou condição humilde (Asociación de Academias de la Lengua Española, 2010).

⁶ Expressão chilena que se refere a uma pessoa de classe social elevada e que mostra sempre os costumes dessa classe (Asociación de Academias de la Lengua Española, 2010).

⁷ As fronteiras físicas e simbólicas entre as elites e o resto da população traduzem-se na autocorrelação da concentração do PIB nacional no cone nordeste da bacia de Santiago (Sabatini et al., 2010) com a localização dos protestos em shoppings observada em este estudo. Portanto, slogans como “Compartilhem os privilégios de los zorrones”; “Educar os abastados”; “Vamos dar um pouco da realidade do país”; “Por um Chile com Igualdade. O “chega de migalhas” encontrado nas convocatórias para manifestações em shoppings carrega uma interpretação sócio-territorial.

muitas pessoas de volta aos conflitos e confrontos que levaram ao colapso da democracia e à subsequente ditadura militar.

A exigência de escuta (“Façamos barulho onde devemos ser ouvidos”; “porque na Plaza de la Dignidad não nos ouviram...”; “chega de normalização, aqui seremos ouvidos”) que é exigida a estes atores, que se mostram insensíveis às insatisfações que têm sido expressadas, à necessidade de “justiça para o Povo”, articula-se a partir da densidade simbólica que emana do núcleo onde se sustenta o protesto vivo: a Plaza de la Dignidade e sua escudeiros, figuras icônicas do imaginário exposto ao redor da Primeira Linha, e que estão retratados nos cartazes.

A enunciação, ao lado de propor esse esquema de nós/eles que se articula a partir do estrato socioeconômico e em termos de classe, também estrutura outros lugares que têm a ver com posições singulares em torno da explosão, mas curiosamente não abordam diretamente as relações que isso representa. ocorrem no consumo. Ou seja, a proposta de intervenção nos centros comerciais não incluía explicitamente discursos de crítica ao consumo ou de desaprovação dos estilos de vida que o rodeiam. Este é um ponto interessante dado que a frustração com as limitações de consumo por parte da população organizou algumas das teorias explicativas sobre a explosão. Tanto as chamadas quanto as telas e as performances que foram exibidas no interior dos espaços não contemplaram uma menção ou interação com os consumidores a partir de um horizonte que evidencia as dimensões negativas do consumo, desde a falta de acesso à questão ambiental, passando pela hegemonia cultural etc.

Em vez deste ponto de vista que seria de esperar, a retórica mobilizada aponta sobretudo para a normalidade representada pela abertura dos centros comerciais e pela sua disponibilidade para permitir a continuação das atividades prazerosas de consumo. O eixo discursivo neste ponto é construído através de uma isotopia temporal e pressupõe também referência a tons e intensidades afetivas em tensão. Nesta perspectiva, o nós/eles que percorre as chamadas apresenta uma ambivalência que exige uma interpelação mais transversal: pretende questionar aqueles que frequentam os centros comerciais e que, dependendo do local onde se encontram, são também classes populares e classes médias. Observamos esta construção do destinatário em slogans como “Não à normalidade dos shoppings”, que apelam mais à dimensão de praça quase pública que estes espaços alcançaram no Chile, e à dimensão afetiva que a vida cívica mobiliza, do que ao papel e as emoções que derivam das interações ligadas às compras. A legenda “Vizinho ouça, junte-se à briga”, exposta em um shopping de uma área popular de classe média, reforça essa ideia.

Nestes casos, trata-se de renovar a atenção daqueles cuja harmonia emocional com a explosão foi diluída, os vizinhos que quem está na linha da frente procura. Sob o “Não+normalidade” emerge uma vontade que procura impedir que a possibilidade de o exterior do protesto ganhar legitimidade, facto que sustenta e valida a resistência todas as sextas-feiras pela linha da frente. Este nós que é chamado à ação é um nós mais restritivo – não se dirige a toda a sociedade chilena, mas procura a cumplicidade e tenta mobilizar as pessoas que pensam/duvidam – mas sobretudo sente que ainda não o é. Será hora de voltar ao normal. A quem considera que é necessário manter a energia do protesto nas ruas, pois ainda não é hora de transferir o processo para o nível institucional e de reduzir a energia emocional voltando à calma.

Circular corpos e afetos para se encontrar

O foco discursivo no espaço e no movimento visa tornar visível, para aqueles que são a favor da continuidade dos protestos – não importa em que setor da cidade – a necessidade de colocar o corpo e sua energia a serviço do protesto, o que para muitos pode significar cruzar fronteiras geográficas e simbólicas e demonstrar força e espírito de solidariedade com o grupo. Isto, para alcançar e ocupar espaços tradicionalmente estrangeiros, associados às classes privilegiadas, que muitos poderiam vivenciar como estranhos. A superação deste desconforto/estranheza requer a energia do grupo, o contágio e o comprometimento emocional que o ritual proporciona a nível individual e coletivo, como afirma Collins (2009, p. 149).

O que aconteceu quando os protestos se misturaram com as compras? O protesto irrompe no shopping através de diversas experiências sensoriais (que a priori estão deslocadas no shopping) e que afetam a audição através de gritos, canções; à vista com os banners; e tocar e cheirar com a presença de corpos que se movem, ficam parados e se distribuem de formas imprevisíveis (não respeitam os fluxos inscritos na geografia do shopping). A atmosfera fala de sentidos, de corpos em copresença – mesmo que seja imaginário virtual – e de intensidade afetiva em graus variados. A atmosfera é algo que é percebido inconscientemente, está implícito num espaço/ambiente e é interpretável. Por ser difuso, pode evoluir e misturar-se. É um discurso estratégico através do qual corpos rítmicos e afinados querem fazer com que o que sentem ressoe nos outros.

A harmonia aconteceu? Nas fotos e vídeos publicados sobre as manifestações dentro dos shoppings, que buscaram conduzir metafórica e literalmente a conversa sobre o futuro da explosão, observamos como os rituais de consumo

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

e protesto foram vivenciados na maioria das vezes com respeito, recíproco. outros em conflito, exibindo até, em alguns casos, momentos de conexão. Juntamente com os fatores já referidos, as diferentes atmosferas afetivas que se geravam nestes espaços dependiam da energia emocional que o grupo que participava em cada protesto conseguia fazer circular, no qual intervinham: (a) as formas/conteúdos enunciados (a promove uma causa ou ataca um determinado grupo que o centro comercial representa, o que se refere à possibilidade de estabelecer e partilhar um foco comum); (b) o tipo de símbolos que foram exaltados (símbolos que sintetizam as divergências entre os dois mundos de sentido ou que têm a capacidade de representar possíveis valores de partilha); e (c) a identificação social dos manifestantes com aqueles que estiveram presentes no shopping (ou seja, a existência de um nós compartilhado antecipadamente, que permite que ambos se reconheçam em determinados códigos e expectativas).

Como acabamos de referir, na maioria dos casos não houve hibridização ou sintonia entre os dois ambientes, pelo que a experiência criada foi mais semelhante a uma conversa revezada. Assim como o ritual, uma conversa pode fluir e ter sucesso, a partir da geração de um alto nível de cumplicidade entre as partes, ou avançar a partir de solilóquios que cada participante mantém, sem nunca se conectar. Nesse sentido, o que se viu foram dois roteiros, implantados por cada uma das partes a partir do exercício de seu próprio ritual. Se os consumidores presentes pararam as suas atividades e atenderam às ações dos manifestantes, fizeram-no por curiosidade ou respeito, aguardando a sua vez de realizar as suas próprias ações. Podemos dizer que o que estava ausente do espaço de consumo como praça pública tornou-se presente, mas de forma muito precária e momentânea.

Em alguns casos, houve quem se sentisse invadido pelos slogans e pelas energias expressas pelo grupo neste espaço comum, mas supostamente estranho e atemporal em relação à realidade social vigente. As interpelações aos manifestantes – que ocorreram principalmente a nível pessoal e não a nível coletivo – atingiram uma elevada intensidade negativa, gerando uma atmosfera carregada de agressão e rejeição, mais típica do mundo do protesto do que do consumo. Em contrapartida, as vozes e os aplausos dos vendedores e dos consumidores somaram-se aos dos manifestantes nos setores mais populares. A energia positiva que percorria estes centros comerciais ao ritmo dos apitos que anunciavam e acompanhavam os cantos e movimentos, favoreceu a atenção, o contágio emocional, a maior participação e, com ela, a geração de um nós/coletivo mais amplo, ponto de partida para novas possibilidades de construção de capacidade de agência.

Para além das reações específicas que ficam registadas nos vídeos e que nos aproximam do sucesso performativo dos protestos, abordamos a questão da temporalidade como último ponto de análise. De acordo com Macón (2020, 2023), a temporalidade associada às atmosferas afetivas é o que lhes confere uma dimensão política, servindo de base para a articulação das comunidades e dos seus projetos.

Como argumentamos, o encontro no shopping supõe a convergência de duas atmosferas afetivas díspares que partem de dois rituais de interação distantes um do outro, cada um dos quais implica uma apropriação dos espaços e das formas em que se vive um tempo em particular, e que geram modos de coletividade muito diferentes. Em termos semióticos, os sistemas de significado que ambas as atmosferas mobilizam quando se encontram – e hibridizam – respondem a diversas temporalidades. As temporalidades inscritas na experiência do shopping aludem a um presente atemporal em que é possível, em termos goffmanianos, “agir como se” existisse um contexto de normalidade, além de um futuro de satisfação imediata baseado na consumação do prazer. Esta temporalidade opera a partir da condição do centro comercial como paradigma do não-lugar, no contexto da explosão, de um espaço de fuga, onde pode ocorrer uma pseudo-normalidade que permite fazer uma pausa no que está a acontecer fora. No shopping existe um presente parado onde a calma e o descuido são possíveis.

Diante deste enclave, o protesto busca ser um exercício de memória e de reimersão na realidade social do país. Eles colocam em jogo três temporalidades interligadas: o presente da excepcionalidade, o da explosão em efervescência, o da memória de um passado de mágoas que explica e legitima a indignação atual e o de uma projeção para o futuro que exige uma mudança nas configurações afetivas e, com ela, a ordem institucional. É o contacto entre estas temporalidades e a temporalidade não conflituosa do consumo que, articulado com outra série de elementos discursivos que ultrapassam o objetivo desta análise, evidenciam a dimensão política deste encontro entre atmosferas afetivas.

CONCLUSÕES

Nossa análise baseia-se na ideia de que as atmosferas afetivas são entidades semiautônomas com capacidade de agência, que nos permitem observar como uma multiplicidade de corpos faz parte e está ligada a uma situação que os acompanha (Macón, 2023). No seu comportamento contagiante e na sua capacidade de hibridização, as atmosferas conseguem amalgamar e configurar práticas; em outras palavras, permitem espaços de ação e agências construídas

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

como um conjunto de forças tangíveis (Slaby, 2020 conforme citado em Macón, 2023). Neste contexto, os rituais de interação constituem um instrumento para mobilizar energias emocionais, estabilizar o nós, gerar consciência coletiva e solidariedade de grupo e proporcionar continuidade e agência em torno de um foco comum de atenção.

Enquanto o protesto procura transcender um nós que questiona o status quo e que se projeta no futuro, abrindo um horizonte coletivo de possibilidades, no espaço de consumo dos centros comerciais observamos uma agregação temporária de sujeitos que se ligam através de uma experiência partilhada, a priori agradável, mas que não garante um sentido de comunidade para além da sociabilidade do consumo. Ou seja, o centro comercial não pressupõe a existência de uma experiência coletiva para a sua utilização e funcionamento, tanto espacial como emocional.

Esta divergência nos horizontes de sentido e de expectativas relativamente ao que cada experiência implica foi uma das razões pelas quais, embora os centros comerciais possam ter surgido inicialmente como espaços privilegiados para “levantar” o protesto, a sua materialização não será capaz de produzir uma hibridização entre ações afetivas. atmosferas. No seu cerne, o protesto promovido em espaços comerciais centrou-se fundamentalmente na luta contra a “normalidade”. O seu objetivo não visava questionar os centros comerciais ou a sociedade na perspectiva da sociedade de consumo, mas sim prolongar a comunidade emocional construída em torno da explosão, baseada numa encenação permanente.

Dado que com o passar dos dias a energia emocional que primeiro sustentou o ritual de protesto diário e depois semanalmente começa a diminuir, é necessário realizar ações que permitam reativá-la em todo o país para voltar ao que se sentia. nos primeiros dias. O protesto nos centros comerciais é então orientado para que as pessoas se sintonzem ou se reconectem (reconectem) umas com as outras e com o espírito refundacional e excepcional que a explosão instalou para alguns (“Chile Acordou”; “Não são 30 pesos; são 30 anos” que deve ser alterado).

Para isso, a estratégia enunciativa postulou um nós que se projetou desde a “Primeira Linha”, para se fundir com a “voz do povo” e com um imaginário confrontacional articulado com a classe e dotado de elevada intensidade afetiva de valência negativa. Uma perspectiva que também mobiliza uma memória polarizada, que remete ao período de colapso das instituições democráticas no país na década de 70, e revive vários traumas que ainda permanecem válidos na sociedade chilena. A partir deste espaço, surge uma comunidade que exige não só dignidade – um conceito central na explosão – mas fundamentalmente justiça social.

De mãos dadas com isso, estrutura-se uma comunidade mais transversal de solidariedades e sentimentos, que reúne vontades, visões, valores e emoções em torno da explosão. Os apelos constituem apelos à ação para aqueles que acreditam/pensam/sentem/vivem a importância de manter em vigor o excepcionalismo e a perspectiva refundacional através do protesto. As manifestações aqui desafiam transversalmente quem frequenta os shoppings, independentemente da classe. Mas neste caso, através da energia emocional que é mobilizada no ritual e que circula graças às atmosferas afetivas, a ideia é carregar os corpos com sons, cheiros, alegria, solidariedade ou outros valores, para entrar em harmonia emocional. entre si e com o foco comum que os une.

Não se observa que todas as manifestações foram capazes de gerar essa ligação. Em vez disso, reconhecemos que o espaço de manifestação e a sua atmosfera afetiva não conseguem penetrar no espaço de consumo e hibridizá-lo; O diálogo entre as duas esferas, a do protesto e a do consumo, funcionam como turnos de conversa, monólogos que nem sempre dialogam. Às vezes, a interação existe, e isso acontece tanto para gerar conflitos quanto para provocar momentos de conexão. Observamos isto em sectores populares, onde manifestantes, vendedores e consumidores se reconheciam como parte da mesma classe, embora não partilhassem necessariamente a mesma visão ideológica.

Estávamos interessados em avaliar se a hibridização de atmosferas afetivas possibilita ou dificulta novas agências, práticas, coletividades e sistemas de significado, especialmente em termos políticos. Como é que o enquadramento emocional transmitido através da atmosfera afetiva do protesto contribuiu para a atmosfera afetiva do centro comercial? Do nosso ponto de vista, a maior contribuição desses encontros foi conectar lugares, temporalidades e, sobretudo, explicitar forças em tensão: o centro simbólico da cidade e os protestos com os enclaves fechados que compõem os shoppings; emoções disfóricas e eufóricas; o presente preso na pseudonormalidade do consumo e na excepcionalidade das reivindicações políticas; o nós com vocação transcendente do sujeito político coletivo e o nós agregado e individualizado dos consumidores.

Esses encontros mostraram um espaço complexo e tenso, foram uma oportunidade para vivenciar o choque entre atmosferas afetivas e talvez serviram como um convite para se reconectar, mesmo que temporariamente, com a memória recente em torno da experiência própria e coletiva da explosão e do questionamento da ordem institucional chilena. Por outro lado, embora tenha sido um efeito secundário, uma vez que o protesto não se concentrou na crítica ao consumo, podemos interpretá-lo como uma ocasião para perceber os centros comerciais não como espaços isolados do resto da cidade, nem como ilhas de desconexão de uma natureza política. O consumo como parte

inerente à estrutura de classes e identidades da sociedade funde-se como um espelho de protesto, dotando os seus espaços de densidade sociopolítica e capacidade latente de agência à espera de ser apropriada performativamente pelos cidadãos. ■

REFERÊNCIAS

- Abril, G. (2007). *Análisis crítico de textos visuales*. Síntesis.
- Anderson, B. (2009). Affective atmospheres. *Emotion, Space and Society*, 2(2), 77-81. <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2009.08.005>
- Araujo, K. (Ed.). (2020). *Hilos tensados: Para leer el octubre chileno*. Editorial USACH. <https://libreria.editorialusach.cl/hilos-tensados-para-leer-el-octubre-chileno-2a-edicion>
- Asociación de Academias de la Lengua Española (2010). *Diccionario de americanismos*. Santillana.
- Brantner, C., Rodriguez-Amat, J. R., & Belinskaya, Y. (2021). Structures of the public sphere: Contested spaces as assembled interfaces. *Media and Communication*, 9(3), 16-27. <https://doi.org/10.17645/mac.v9i3.3932>
- Collins, R. (2009). *Cadenas rituales de interacción*. Anthropos.
- De Simone, L. (2015). *Metamall: Espacio urbano y consumo en la ciudad neoliberal*. Ediciones EURE UC y Ril Editores.
- Douglas, M., & Isherwood, B. (2021). *The World of Goods*. Routledge.
- Durkheim, É. (2006). *Sociología y filosofía*. Comares.
- Fernández, P. (2020). *Sobre la marcha: Notas acerca del estallido social en Chile*. Penguin.
- García, M. R. (2015). Interacción y emociones. La microsociología de Randall Collins y la dimensión emocional de la interacción social. *Psicoperspectivas, Individuo y Sociedad*, 14(2), 51-61. <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol14-Issue2-fulltext-439>
- García Canclini, N. (1995). *Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*. Grijalbo.
- Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. Anchor.
- Gómez-Lorenzini, P., Vergara, E., Porath, W., & Labarca, C. (2016). Publicidad chilena en un proceso de crecimiento económico: Aspectos formales, apelaciones textuales y papeles atribuidos a los personajes en la publicidad gráfica del retail a fines de la década de 1990. *Palabra Clave*, 19(1), 304-331. <https://doi.org/10.5294/pacla.2016.19.1.12>
- Habermas, J. (1991). *The structural transformation of the public sphere: An inquiry into a category of bourgeois society*. The MIT Press.

- Hepp, A. (2020). *Deep Mediatization*. Routledge.
- Herrera, H. (2019). *Octubre en Chile: Acontecimiento y comprensión política: hacia un republicanismo popular*. Katankura.
- Hidalgo, R., & Janoschka, M. (2014). *La Ciudad Neoliberal: Gentrificación y exclusión en Santiago de Chile, Buenos Aires, Ciudad de México y Madrid*. *Revista de Geografía Norte Grande*, (58), 261-264. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-34022014000200014>
- Jansson, A. (2016). Critical communication geography: Space, recognition, and the dialectic of mediatization. In P. C. Adams, J. Cupples, K. Glynn, A. Jansson, & S. Moores (Eds.), *Communications/Media/Geographies* (pp. 107-143). Routledge.
- Kozinets, R. V. (2019). *Netnography: The Essential Guide to Qualitative Social Media Research*. Sage.
- Kozinets, R. V., & Gretzel, U. (2024). Netnography evolved: New contexts, scope, procedures and sensibilities. *Annals of Tourism Research*, 104, e103693. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103693>
- Landaeta, L., & Herrero, V. (2021). *La revuelta. Las semanas de octubre de estremecieron Chile*. Planeta Chile.
- Leone, M. (2012). Breve introducción a la Semiótica de protesta CIC. *Cuadernos de Información y Comunicación*, 17, 161-173. https://doi.org/10.5209/rev_CIYC.2012.v17.39262
- Lipovetsky, G. (2007). *La felicidad paradójica*. Anagrama.
- Lordon, F. (2018). *La sociedad de los afectos. Por un estructuralismo de las pasiones*. Adriana Hidalgo Ediciones.
- Luna, J. P. (2021). *La chusma inconsciente: La crisis de un país atendido por sus propios dueños*. Catalonia.
- Macón, C. (2020). Rebeliones feministas contra la configuración afectiva patriarcal. Un relato posible para la agencia. *Revista Heterotopías del Área de Estudios Críticos del Discurso de FFyH*, 3(5), 1-19. <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/29038>
- Macón, C. (2023). Haunting voices: Affective atmospheres as transtemporal contact. In G. J. Seigworth, & C. Pedwell (Eds.), *The Affect Theory Reader 2: Worldings, Tensions, Futures* (pp. 347-364). Duke University Press Books.
- Mayol, A. (2019). *Big Bang. Estallido Social*. Catalonia.
- McCracken, G. D. (1990). *Culture and consumption: New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*. Indiana University Press.
- Miller, D., Jackson, P., Thrift, N., Holbrook, B., & Rowlands, M. (2005). *Shopping, place and identity*. Routledge.

D

Consumo, contestação e configurações afetivas na explosão social

- Morales Urra, R. (2017). Metamorfosis Ritual. Desde el Nguillatun al Culto Pentecostal. Teoría, historia y etnografía del cambio ritual en comunidades mapuche huilliche. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, (22), 131-134. <https://doi.org/10.4206/rev.austral.cienc.soc.2012.n22-09>
- Moulian, T. (1999). *El consumo me consume*. Libros del Ciudadano Chile.
- Mühlhoff, R. (2015). Affective resonance and social interaction. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 14(4), 1001-1019. <https://doi.org/10.1007/s11097-014-9394-7>
- Orellana-Águila, N. (2020). Performance, ritual y movilización social. Primero de mayo y acción encapuchada en Santiago. *Izquierdas*, 49, 1912-1932. <https://doi.org/10.4067/S0718-50492020000100295>
- Orellana-Águila, N. (2022). Espacios de resistencia y movilización social. Interacciones insurgentes en Plaza Dignidad de Santiago, Chile. *Campos en Ciencias Sociales*, 10(2), 1-25. <https://doi.org/10.15332/25006681.7938>
- Paolucci, C. (2020) *Persona: Soggettività nel linguaggio e semiotica dell'enunciazione*. Bompiani.
- Peña, C. (2020). *Pensar el malestar: La crisis de octubre y la cuestión constitucional*. Taurus.
- Peñamarín, C. (2020). Fronteras afectivas de la esfera pública y semiótica pragmática. *Cuadernos de Información y Comunicación*, 25, 61-75. <https://doi.org/10.5209/ciyc.69968>
- Pérez, C. (2024). ¿Existen límites al consumo? De las transacciones comerciales a la circulación de significados. SB Editorial.
- Poduje, I. (2020). *Siete cabezas: Crónica urbana del estallido social*. Uqbar Editores.
- Rojas-May, G. (2020). *La revolución del malestar*. Ediciones El Mercurio.
- Sabatini, F., Salcedo, R., Wormald, G., & Cáceres, G. (2010). *Tendencias de la segregación en las principales ciudades chilenas*. INE.
- Saiz-Echezarreta, V. (2024). The affective configuration of the public problem of depopulation: From resignation to obstinance, *Communication & Society*, 37(1), 149-165. <https://doi.org/10.15581/003.37.1.149165>
- Saiz-Echezarreta, V., Gómez-Lorenzini, P., & Galletero-Campos, B. (2023). Tensiones institucionales del periodismo a propósito de las tomas feministas en Chile. *Perfiles Latinoamericanos*, 31(62), 1-30. <https://doi.org/10.18504/pl3162-009-2023>
- Salcedo, R., & De Simone, L. (2013). Una crítica estática para un espacio en constante renovación: El caso del mall en Chile. *Atenea (Concepción)*, (507), 117-132. <https://doi.org/10.4067/S0718-04622013000100008>
- Sassatelli, R. (2012). *Consumo, cultura y sociedad*. Amorrortu.

- Tijoux, A. (2020, 23 de octubre). “La nueva normalidad es un estallido permanente”. *Página12*. <https://www.pagina12.com.ar/300545-la-nueva-normalidad-es-un-estallido-permanente>
- Tironi, E. (2002). *El cambio está aquí*. La Tercera-Mondadori.
- Xiang, B., & Wu, Q. (2023). *Self as method: Thinking through China and the world*. Springer.

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

